

Metade nova classe média

(Marcelo Néri)

O Centro de Políticas Sociais da FGV apresentou dois estudos recentes que colocaram no mapa a nova classe média, leia-se a família de classe C que ganha entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591 por mês, a preços de hoje da Grande São Paulo. Em vez de análises da distribuição da parcela relativa de cada grupo na renda total, nos fixamos na parcela da população que está dentro de determinados parâmetros de renda fixados para todo o período. A presente abordagem é similar àquela de pobreza absoluta, só que estamos preocupados também com outras fronteiras, como aquelas que determinam a entrada na classe C e a saída deste grupo para as classes A e B.

Fazendo uma analogia, na análise distributiva relativa, estamos num gráfico de pizza de tamanho fixo de 100%. Para um grupo ganhar, outro tem de diminuir. Na análise aqui utilizada, além da dança distributiva, o tamanho de pizza pode mudar. O que está por trás disso é que, além daqueles com renda mais baixa terem se apropriado de uma maior parcela relativa da pizza (a redução da desigualdade), a mesma aumentou de tamanho (o crescimento). Passou, digamos, de um tamanho brotinho para média. Na presente análise, estamos preocupados com a quantidade de pizza apropriada por cada estrato da sociedade.

A classe C seria a verdadeira classe média brasileira. Àqueles que se acham meio ricos nos parâmetros que usamos, aconselhamos, pedagogicamente, usar o simulador disponibilizado no site da pesquisa <http://www.fgv.br/cps/desigualdade/>, para ver qual a porcentagem da população que se situa abaixo deles. Por exemplo, para quem sofre os custos de morar na Grande São Paulo e tem quatro pessoas em casa - tamanho médio dos domicílios na capital da garoa: se a renda total da família desta pessoa é de R\$ 1.064, 45,7% vivem abaixo dela. Este seria o começo da classe C, nova classe média. Já se a renda total da família é de R\$ 4591, estaria numa faixa em que de 92% dos brasileiros estão abaixo dela. Bem vindos ao reino do meio da velha "Belíndia"!

A nova pesquisa da FGV mostra a emergência da nova classe média como um fenômeno nacional. Antes do Plano Real a mesma atingia menos de um terço da população brasileira, 30,9% em 1993; passou a 36,5% em 1995 (e também em 2003); e chegou a 47,1% em 2007. No nosso primeiro estudo, a classe média atingia 51,89% da população nas seis principais regiões metropolitanas em abril de 2008, tendo crescido 6,2% no último ano e 22% nos últimos quatro anos.

No segundo estudo, o primeiro com os microdados da última Pnad do IBGE, a nova classe média atingia 47,1% da população brasileira em outubro de 2007, data da pesquisa. Nas metrópoles brasileiras, a nova classe média era 50,4%. Ao projetarmos o crescimento de 6,2% dos últimos 12 meses da primeira pesquisa com a abrangência nacional da segunda pesquisa, temos que 50% da população brasileira está agora na nova classe média, ou seja, 93,8 milhões de brasileiros. Daqui a um ano, quando os resultados da Pnad 2008, que acabou de sair a campo, se tornarem públicos, poderemos tirar a prova da pizza. As séries de outras medidas também apontam a ocorrência de um boom na classe C: casa, carro, computador, crédito e carteira de trabalho estavam há pouco todos nos seus níveis recordes históricos. Com a crise made in USA, a questão agora é: até quando?

O nosso mercado interno, simbolizado pela nova classe média, será fundamental na fase de ajustamento que a bússola de nove entre dez economistas aponta. O livro de Keynes de 1936 foi inspirado não no caso geral, mas numa economia em depressão, onde o lado curto era a demanda. Já o artigo "Como Pagar a Guerra?" do mesmo Keynes, de 1940, lida com o problema oposto: a falta de capacidade de oferta. Parodiando o "somos todos monetaristas" de Milton Friedman, "estamos todos keynesianos" no cenário de escassez de demanda de hoje. Agora, entre o abrir e o tapar buracos que fazem a macroeconomia se mover, citados por Keynes, pode-se enterrar canos provedores de saneamento básico. As políticas inconscientemente keynesianas de Getúlio em 1932 - citadas por Marcelo de Paiva Abreu - , do colher e queimar estoques de café, irrigavam toda economia, com mais intensidade na oligarquia rural. Por exemplo, como favorecer hoje o investimento, a acumulação de capital e a produção dos segmentos mais pobres. Olhando para a nova demanda agregada, há algumas partes mais e outras menos interessantes do ponto de vista de eficiência e de equidade, seja na perspectiva de curto, ou de longo prazo. Como dizia Keynes entre a taça e os lábios há vários percalços. Dependendo do cenário traçado, o copo de demanda a ser injetado nos mercados consumidores pela nova classe média brasileira estará meio cheio, ou meio vazio.

*Marcelo Côrtes Néri chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, é autor de "Retratos da Deficiência", "Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas" e "Ensaio sociais". E-mail: mcneri@fgv.br

Publicado no jornal Valor Econômico de 07 de outubro de 2008.